

Z, Y, X das Ecologias Extremas.

Rodrigo Barchi*

Resumo.

Inspirado nos textos ABC Frankfurtiano, de Marcos Reigota, ABC das Paisagens Sonoras, de Marta Catunda, e De Volta: Abecedário Biopolítico, de António Negri, além do Abecedário de Gilles Deleuze, este ensaio busca construir uma narrativa sobre as ecologias presentes nos discursos, letras, capas e movimentos realizados pela música extrema, em especial as dissidências construídas pelos estilos Grindcore, Thrash Metal, Death Metal, Black Metal, em suas perspectivas mais libertárias e antifascistas. O texto é construído em forma de um abecedário invertido, e mescla os discursos ecológicos aos trajetos e percursos traçados pelo autor. Aborda-se desde as preocupações ambientais por parte dos conjuntos e seus membros, passando pelos ativismos radicais dos mesmos, até o combate antifascista e antiautoritário no contexto brasileiro atual.

Palavras-chave.

Ecologia Política, Música Extrema, Movimentos Antifascistas..

Resumen.

Inspired by the texts "ABC Frankfurtiano", by Marcos Reigota, "ABC das Paisagem Sonoras", by Marta Catunda, and "De Volta: Abecedário Biopolítico", by António Negri, as well as "Abecedário", by Gilles Deleuze, this essay intends to build a narrative about the ecologies present in the speeches, lyrics, covers and movements made by extreme music, especially the dissidences formed by the styles Grindcore, Thrash Metal, Death Metal, Black Metal, in their most libertarian and anti-fascist perspectives. The text is built in the form of an inverted alphabet, and merges ecological speeches with the paths and routes drawn by the author. It addresses the environmental concerns of the groups and their members, including their radical activism, to the anti-fascist and anti-authoritarian combat in the current Brazilian context.

Palabras clave.

Political Ecology, Extreme Music, Anti-fascist Movements.

* Professor pesquisador da UNIB em São Paulo, SP e da [UNISO em Sorocaba](#), SP. Brasil.

E-mail: rbarchicore@uol.com.br



*The Better an outcast than a forced sycophant
Better a head free from religious checks
(ao som de Napalm Death)*

Z

Era um final de semana de feriado prolongado no mês de abril de 1997, propício a uma viagem. Mesmo assim, eu teria que faltar ao serviço no sábado, 18, e na segunda, 20. Trabalhava de balconista e estoquista em uma loja de materiais elétricos na Vila Santana, em Sorocaba, e era muito difícil eu me ausentar.

Isso porque entre os dias 19 e 20 de abril de 1997 ocorreu o “*Death Metal Festival*”, na erma e distante cidade de Entre Rios de Minas, entre as regiões central e centro-oeste do Estado de Minas Gerais, distante cerca de 700 quilômetros de Sorocaba. Nunca havia ouvido falar do local, o qual, depois, nunca mais sairia das histórias dos *headbangers* sorocabanos. Cerca de 40 pessoas quase encheram um ônibus de turismo, caindo aos pedaços, para encarar a estrada. Saímos da frente do antigo Bar Brasil, que era ponto de encontro para quem ouvia metal, *punk* e *rock* de um modo geral, na cidade. Eu estava munido somente de uma troca de roupas, uma garrafa de água e quatro caquis, em uma bolsa de treino de academia. A sugestão era levar barraca de *camping*, mas pouquíssimas pessoas as tinham. Fomos com a cara e a coragem e, qualquer coisa, dormiríamos no palco do *show*.

Doce ilusão...

Viajamos num ônibus fretado pelas bandas da região que tocariam no festival. Uma delas, das pequenas cidades paulistas de Boituva e Porto Feliz, era a Mortal Profecia, que já tinha uma boa estrada e bom reconhecimento pelo público do interior do Estado de São Paulo. Formada na época por Rogéu, Mikio, Painha e Quartel, tocavam um *Death Metal* entre o tradicional e o brutal, que mesclava elementos de bandas como Morbid Angel, Deicide e Carcass. Anos depois, em 2002, quando eu já era baterista de outra banda da Hippy Hunter, outra banda de *death metal* de Sorocaba, a Mortal Profecia tinha uma formação completamente diferente, tendo somente como remanescente o baterista Painha, e com uma garota no vocal, cantando em voz gutural. Atualmente, existe uma série de bandas de *death* e *thrash metal* no Brasil cujas garotas são protagonistas no vocal, como “*frontgirls*” (caso do Torture Squad), quando as bandas já não são formadas exclusivamente por mulheres, como o caso, atualmente, da Nervosa.

A outra banda era a **Zoltar**, formada na época por Sérgio, Mauricio e os irmãos Rodolfo e Nuno, sendo a esse último, que nos deixou em 2012, dedicado esse texto. A Zoltar era uma banda mais próxima, pois dois de seus integrantes moravam em Sorocaba –Sérgio e Maurício– e os irmãos em Votorantim. A proximidade era maior, pois Sérgio morava no mesmo bairro que eu, e foi meu professor de bateria por um ano. Apesar de eu ter tocado durante dois anos em uma banda de *death metal*, meu projeto era montar uma banda de *grindcore*, de radical protesto anárquico e sonoridade extrema. O que acabou até hoje não se concretizando.



Então fomos como amigos e fãs das bandas. Eu tinha vinte anos na época, trabalhava desde muito cedo, e viajado pouco por falta de recursos. Já havia ido a muitos shows em Sorocaba, São Paulo e região, mas era uma oportunidade fantástica de participar em eventos mais distantes e conhecer regiões até então não familiares.

Entre todos e todas –cerca de 30 homens e 10 mulheres no ônibus– havia duas torcidas. A primeira era de que a polícia não parasse o ônibus, pois, apesar de irmos para um festival de *Death Metal*, muitos colegas pareciam integrantes de um pequeno *Woodstock* em São Tomé das Letras, e aquele ônibus não podia, de forma alguma, ser interpelado pelos policiais rodoviários. Sem falar na quantidade interessante de garrafas, cheias e vazias... A segunda torcida era a de que o ônibus chegasse são e salvo até o local do evento, pois literalmente caía aos pedaços, e tinha somente um motorista para toda a viagem.

Somada a essa torcida, estava a trilha sonora, pois metade dos ocupantes levavam fitas K7 para que a viagem se tornasse menos cansativa, e regada a muito barulho: *Possessed*, *Venom*, *Slayer*, *Morbid Angel*, *Cannibal Corpse*, *Death*, *Dismember*, *Hipocrisy*, *Kreator*, *Napalm Death*...

Sob essa maldita sonoridade, as paisagens ao redor da rodovia Fernão Dias, a partir do amanhecer –saímos de Sorocaba por volta de meia noite do dia 19 de abril– já eram mineiras, cujos resquícios de Mata Atlântica e Cerrado se alternavam aos pastos, às plantações de café, às pequenas cidades e às áreas simplesmente desmatadas. A cada três ou quatro horas, uma parada no posto de gasolina para tomar um café, comprar cerveja, comer pães de queijo, ir ao banheiro –mais limpos que o do ônibus– e esticar as pernas. Tudo sob o olhar curioso e assustado dos motoristas de caminhão.

Ao chegarmos à pequena cidade de Entre Rios de Minas, descobrimos que o local do *show*, um clube de

aviação, ficava no alto de um morro, distante cerca de dois quilômetros do centro. Subindo a ribanceira em uma estrada de terra, o ônibus, há muito dando sinais de que não aguentaria muito mais, finalmente parou. Dá-lhes os cabeludos descer e empurrar até pegar no tranco, na subida...

Um enorme descampado, cujo palco com mais de três metros de altura não permitiria aos colegas dar pulos no público durante o *show* –os “*moshes*”– e cuja distância do *camping* onde estavam as barracas era de cerca de quatrocentos metros. Chegamos por volta de meio dia, em um calor escaldante. A solução foi sentarmos no bar e aguardar os *shows*, que começariam por volta das vinte horas. Regada à muita cerveja e especialmente pinga de alambique mineira, a tarde do dia 19 foi de muitos encontros e construções de amizades. Havia excursões do Rio de Janeiro –acompanhando a banda de *grindcore* fluminense *Gore*– do Rio Grande do Sul –junto à banda *splatter Sarcastic* e à banda *grindcore* *Necrocefalo*– e de Santa Catarina –acompanhando a banda *splatter* *Flesh Grinder*. Mas a maioria do público presente naquela tarde era de mineiros, dando força às bandas belo-horizontinas *Sanatório* e *Hansened* –de *death metal*– e *As Prophecies* –de *black metal*.

Conforme a noite caía, o público aumentava. Metade dos presentes era de garotos e garotas *headbangers*, cujas camisas de bandas, cabelos compridos e roupas predominantemente pretas os distinguiam da outra metade do público, de pessoas moradoras da cidade, aparentemente curiosíssimas com o evento. A recepcionista da pequena pousada onde eu e mais dois amigos fomos tomar um banho e cochilar em uma cama, na manhã seguinte, nos dizia que o lugar nunca havia recebido um festival de “*rock*”, havendo uma grande ansiedade.

Muitas barracas de comidas estavam presentes durante a primeira noite do festival, e as filas para comprar fichas eram mescladas de pessoas



“comuns”, cabeludos e cabeludas usando coturnos, camisas com demônios alados ou pessoas mutiladas, braceletes com pregos de 20 centímetros, cinturões de bala, jaquetas e coletes jeans ou couro.

A primeira banda a tocar foi a **Zoltar...**

Y, X

Um dos primeiros textos que li de Marcos Reigota foi o “ABC Frankfurtiano” (Reigota, 2000). Era ainda seu estagiário enquanto fazia o curso de Geografia da Universidade de Sorocaba (UNISO), organizando a biblioteca de Educação Ambiental do Núcleo de Estudos Ambientais (NEAS), e nela havia diversos números da Revista de Estudos Universitários da Uniso. Em uma delas, publicada no ano 2000, havia esse texto, no qual Marcos trazia sua experiência de três meses na cidade de Frankfurt, financiada pelo DAAD (*Deutscher Akademischer Austauschdienst* – Serviço Alemão de Intercâmbio Acadêmico), sobre o qual abordarei mais adiante. O “ABC Frankfurtiano” foi republicado em 2012 (Reigota, 2012), na coletânea “Ecologias Inventivas”, organizada por professores da Universidade Federal de Santa Catarina, cujo livro trazia homenagens à Marcos Reigota.

Minha fascinação com aquele texto foi gigantesca, pois Reigota, ao trazer suas pesquisas e andanças por Frankfurt em forma de um abecedário, me permitiu uma visualização muito sensível e categórica da cidade e de sua miscelânea de cultura, pessoas e manifestações. Marta Catunda, que foi sua orientanda no Programa de Pós-Graduação na Universidade de Sorocaba, nos explica em sua tese de doutorado, sugestivamente chamada de “A, B, C dos encontros sonoros”, que Marcos havia se inspirado na entrevista de Deleuze, chamada “Abecedário Deleuzeano”, onde o filósofo francês nos traz uma série de esclarecimentos sobre alguns conceitos sugeridos pela entrevista.

Esses três registros me fazem evocar também o texto de Antônio Negri (2002), chamado “De Volta: Abecedário Biopolítico”, que é uma narrativa biográfica em ordem alfabética, escrita quando o filósofo italiano volta do exílio da França para a Itália para cumprir o resto da pena que lhe havia sido imposta, por sua suposta participação nas Brigadas Vermelhas, nos anos 1970.

Baseado e inspirado na narrativa desses quatro, construo aqui um texto de forma não abecedária, mas invertida, infernal, “zyxdária”, onde busco costurar a presença das ecologias no universo da música extrema, em suas bandas, em seus discos, suas letras, sua (anti)música –visto que um dos símbolos mais comuns entre as bandas de *grindcore* é a nota musical cortada por um sinal de proibição– e seus espaços de manifestação. Uma ecologia construída nos encontros em espaços não acadêmicos, não tradicionalmente ecológicos, mas produtora de sentidos de resistência, de existência e de vivência. Quando inverto o abecedário, é tanto para me associar à perspectiva de inversão de pensamento proposta por Deleuze ao discutir a importância de fugir dos ideais platônicos de pensamento, quanto afirmar que mais do que levar a Ecologia ao universo do submundo da música extrema, é preciso trazer à superfície as ecologias que são criadas nessa dimensão.

E para não deixar órfã nenhuma letra, é preciso falar de uma banda alemã de *grindcore/power violence*, da cidade de Hamburgo, chamada **Yacopsae**, que lançou em 2000 um *Split EP* com a banda brasileira de *grindcore* **Rot**, de Osasco, e que em 2007 lançou um álbum intitulado *Tanz, Grozny, Tanz* –algo como *Dance, Grozny, Dance*– onde faz uma pesada crítica à guerra da Chechênia e às intervenções do exército russo, inclusive, às ocupações anarquistas na cidade. E também sobre a banda **Xico Picadinho**, da cidade de São Paulo, no Brasil, a qual, apesar do nome que evoca um conhecido assassino em série brasileiro –acusado de dois crimes de assassinato,



estupro e destruição de cadáver— é uma banda que se caracteriza como antifascista, cujas letras e nome do grupo são para enunciar o caráter cruel e barbárico da realidade, e não para enaltecer a violência do assassino citado.

W

Estive em Berlim, em novembro de 2017, para participar da elaboração e organização do evento “*Realidades Complejas: aproximaciones desde las Ciencias Sociales*”, que ocorreria em Oaxaca, no México, em agosto de 2018. Minha presença ocorreu devido à parceria existente entre a Universidade de Sorocaba, a Universidade Autónoma Benito Juárez de Oaxaca (UABJO) e a Universidade Alice Salomon, de Berlim (ASH-BERLIN); esta parceria levou à criação do Centro Internacional e Interdisciplinar de Investigação e Ensino Aplicado (CIIE), com suporte financeiro do DAAD, a mesma instituição que deu suporte a Marcos Reigota em sua estadia em Frankfurt, em 1997.

Por intermédio desse convênio, estive duas vezes em Oaxaca, para participar de oficinas de Metodologia Aplicada, em fevereiro de 2017, e do Simpósio “*Realidades Complejas*”, já citado, no qual, além de participar da elaboração, também estive presente em uma das mesas redondas, sobre “urbanidade”. Nessa mesa, houve uma grande discussão – provocada por mim – onde eu disse, a partir da realidade brasileira, que menos que cidadãos, os trabalhadores e trabalhadoras encontravam-se em um condição de sequestro, reféns de um cotidiano que esmagava qualquer possibilidade de participação popular na tomada de decisões e vida política do país, já que além das dez horas diárias de trabalho assalariado, qualquer pessoa comum nas grandes cidades, perdia, muitas vezes, mais de três horas no transporte público e no trânsito; além de assumirem os serviços domésticos, no quais, na

maior parte das vezes, as maiores afetadas eram as mulheres.

Muitos dos colegas europeus presentes e outros latino-americanos que viviam na Europa me contestaram, dizendo que havia cidadania e não condição de sequestro, que era um absurdo eu pensar daquela forma. Tive que expor um mapa virtual aos presentes, supondo a trajetória de pessoas que moram nas cidades da Região Metropolitana de São Paulo, vizinhas à capital, obrigadas a tomar trens, metrô e ônibus todos os dias, gastando o que sobrava de seu tempo livre no transporte público. A condição de sequestro que os colegas não entendiam era que as pessoas, especialmente nas grandes e médias cidades, estavam em uma situação de esgotamento, tornando-se presas fáceis da política populista que sempre açoitou o Brasil.

Voltando à minha presença em Berlim, aproveitei para saber sobre a vida *underground* da cidade antes de minha ida para lá. Uma das bandas que pesquisei em minha tese (Barchi, 2016), faria uma turnê na Europa, e um show em Berlim justamente na semana de minha estadia. A banda, chamada **Wolves in the Throne Room**, é do Estado de Washington, nos Estados Unidos, e apesar do seu estilo de som se aproximar bastante do *Black Metal* Satanista das bandas clássicas norueguesas, suas perspectivas estão mais ligadas a uma ecologia radical dedicada à preservação das áreas florestais da região da Cascádia, à agricultura orgânica e biodinâmica, aos interesses autonomistas de grupos que reivindicam maior independência em relação aos Estados Unidos e Canadá, e de vínculo a uma vida praticamente *anarcoprimitivista*, distante do dia a dia cosmopolita das grandes cidades.

Ao chegarmos ao lugar do *show*, minha companheira Ana Paula e eu, já havia muitas pessoas, e foi muito difícil assistir de modo pleno, principalmente porque o palco estava quase na altura do público,



que tinha uma média de altura muito acima da minha. Havia muitas camisetas e CDs à venda, cujas imagens estavam sempre associadas às paisagens das florestas temperadas do oeste da América do Norte.

Dois dias depois, ocorreu, em um espaço maior e de melhor visibilidade, o *show* da *Gogol Bordello*, uma banda de “punk rock cigano”, mais apreciado pela Ana Paula do que por mim, que tem entre seus integrantes músicos das mais diversas regiões do globo, e um público muito maior que as bandas extremas. Casado com uma brasileira, o vocalista Eugene é fã da música popular, e algumas das músicas do grupo tem letras em português. Antes do *show*, tocavam no espaço até alguns sambas enredo do carnaval carioca, e a apresentação da banda foi animadíssima.

Um ano depois de minha estadia em Berlim, quem foi para lá foi a banda sorocabana-votorantinense **Warshipper**, que tem como baixista Rodolfo, um dos ex-integrantes da Zoltar, sobre a qual, é preciso voltar a falar...

V

Voltando ao festival da cidade de Entre Rios de Minas, a banda que abriu o mesmo foi a Zoltar. O espaço do *show* estava lotado, e, como já escrevi, metade do público era de moradores da cidade, curiosos com o festival e com a outra metade do público. Quando começou, o semblante das pessoas mudou; enquanto boa parte do público foi para a roda agitar com a banda, as pessoas da cidade se afastaram do palco.

Imagem 1. Graffittis no sul do México (Oaxaca e Chiapas).



Fonte: Rodrigo Barchi, 2019.



Isso porque o local tinha o chão de terra, e com a roda aquela poeira subiu muito. E também porque a agitação dos “*bangers*” foi muito animada, fazendo com que quem estivesse perto pudesse se ferir.

No entanto, chamou a atenção, em um dos momentos do *show*, um trio de meninas, entre os oito e os doze anos, usando vestidos “de chita”, que estavam muito próximas à roda –em alguns momentos elas acabaram cercadas involuntariamente– e assistiam abraçadas ao *show* e o agito ao seu redor, com o terror figurando em seus rostos. Em um misto de preocupação e risos, algumas das garotas e garotos “*bangers*” ainda sóbrios, conseguiram chegar até as garotas, no meio da roda, e levá-las um pouco mais longe, de modo que estivessem mais seguras.

Após a penúltima música do *show* da Zoltar, o guitarrista Maurício Nogueira –que se despediu da banda nesse dia, pois seguiria carreira solo em MPB– depois da banda ter tocado uma cover da música “*Countness Bathory*”, começou a berrar incansavelmente no microfone: “**Venom!!! Venom!!! Venom!!!**”, banda britânica que é tida como uma das principais fundadoras da música extrema, no início dos anos 1990, tendo influenciado os estilos *thrash metal*, *death metal* e *black metal*.

U

Pode-se dizer que esse ano de 1997 foi de uma comemoração simbólica dos dez anos de lançamento de dois dos discos mais importantes da música extrema. O primeiro deles chama-se *Scum*, da *Napalm Death*, que seria considerado, de um modo geral, o pontapé inicial do *grindcore*. Mais do que necessariamente ser o primeiro disco de *grindcore* da história, é aquele que vai ser celebrado em manuais sobre os “Mil discos que você precisa ouvir antes de morrer” como o pai do estilo. A aceleração do ritmo *punk* e *hardcore*, e os vocais urso/gorila do

primeiro vocalista, Lee Dorian, fariam com que o álbum se tornasse notório, e passasse a influenciar os mais diversos estilos extremos do *underground*, especialmente com a batida *blast beat* de Mick Harris, fazendo com que o ouvinte se sinta ao lado de uma britadeira e um liquidificador, com um som de *Airbus* ao fundo, somado a uma voz gutural berrando críticas sociais e ambientais como se fosse um gorila possuído pelas trevas, ou um bando de bugios transformados nos símios antropomórficos de Guerra dos Macacos.

Lindo!!!

Mas apesar da fama, no mesmo ano, outros discos de *grindcore* também foram lançados e, apesar de considerados também iniciantes do estilo, não tem o mesmo protagonismo de *Scum*. É o caso do álbum dos japoneses do SOB “*Don’t be Swindle*”, e dos também britânicos do **Unseen Terror**, chamado “*Human Error*” cuja capa são duas mãos segurando uma bola –que parece de cristal– com uma cidade em chamas.

Além disso, algumas outras bandas, como A estadunidense *Siege*, os suecos da *Asocial*, e os holandeses da *Larm*, entre 1984 e 1986 já haviam acelerado o *hardcore* a uma velocidade extrema. No entanto, nenhuma dessas bandas tem um registro tão rápido e tão antigo gravado, como a banda paulista Brigada do Ódio, que em 1985 lançou um *Split EP* com a banda Olho Seco –cujos integrantes hoje são majoritariamente simpatizantes da atual governança fascista do Brasil– chamado “Brigada do Ódio”, com 28 (anti)músicas em 13 minutos. Mais *grindcore* que isso, impossível... Contam as lendas no *underground* que quando a *Napalm Death* veio ao Brasil em 1990, o então baterista, Mick Harris –que inventou o termo *grindcore* para caracterizar a banda– queria a todo o custo conhecer o baterista da Brigada de Ódio, e que o baixista Shane Embury –que fazia parte do *Unseen Terror* na gravação de 1987– tinha



um adesivo da banda em seu instrumento. Algumas publicações importantes e abrangentes da história da música extrema (Mudrian, 2004), sequer citam a existência dessa banda lendária de Mauá.

O segundo álbum a ser citado é “*Scream Bloody Gore*”, do Death, de Chuck Schuldiner, que trarei lá na letra D.

T

Nos últimos 25 anos, tive umas seis camisas da **Terrorizer**. Por muitos anos, *Terrorizer* não foi uma banda, foi uma lenda. Isso porque o álbum lançado em 1989, chamado “*World Downfall*”, foi um projeto paralelo composto por membros de diversas bandas *underground*. O vocalista, chamado Oscar Garcia, pertencia a uma banda *hardcore/grindcore* da Califórnia chamada *Nausea*. O guitarrista mexicano Jesse Pintado –*Grindfather* ou “pai do *grindcore*”, morto em 2006– havia acabado de entrar na *Napalm Death*, e o baterista Pete Sandoval, e o baixista vocalista David Vincent, levariam adiante a *Morbid Angel*, banda icônica do *death metal*. O álbum tinha elementos de *metal* e *grindcore*, com 16 músicas ocupando menos de 40 minutos.

A revolta contra a guerra em “*After World Obliteration*” e “*Fear of Napalm*”, a crítica à exploração do Terceiro Mundo em “*Enslaved by Propaganda*”, ao abuso das instituições financeiras transnacionais em “*Corporation Pull-in*”, ao Estado em “*Infestation*”, além das apocalípticas “*Dead Shall Rise*” e “*Strategic Warheads*”, e a ácida faixa em defesa dos animais “*Ripped to Shreds*”, são algumas das faixas que foram cruciais não somente pela minha paixão pela música extrema e por amizades construídas por esse afeto em comum, mas na própria militância ecológica e política. Ao perceber que bandas queridas tanto por *punks* quanto por “*bangers*” denunciavam a barbárie e a destruição, sabia que outros caminhos ecológicos eram construídos em paralelo aos movimentos

promovidos pelas organizações da sociedade civil, que cada vez mais eram atendidas pelas políticas públicas. Um caminho de denúncia e revolta, mas que também propõe novas formas de compreensão, ação e transformação do mundo, aproximando-as de uma pedagogia da indignação freireana (Freire, 2001), não somente devido ao posicionamento crítico, mas de entender-se como agente ativo da mudança.

S

Nesse sentido, é preciso evidenciar as *gigs punks* anarquistas –que reuniam as bandas *punks*, *hardcore*, *crustcore*, *mincecore*, *powerviolence*, *grindcore* e *noisecore*– as quais não são somente espaço de som e divulgação de banda, mas de propostas políticas anarquistas, ácratas, iconoclastas, ecológicas, veganas e permaculturais. Uma grande quantidade de materiais de divulgação –livros, zines, revistas– podiam ser adquiridos através de troca com outros materiais ou mesmo por dinheiro, e todos enalteciam a necessidade urgente de mudança no sistema socioeconômico. Havia, naquele momento (entre os anos 1995 e 2005), muitas publicações da Editora Imaginário e, mais recentemente, das editoras Faisca e Achiamé.

Essa última, aliás, publicou “Anarquismo: uma introdução filosófica e política”, um dos primeiros livros de meu orientador de doutorado pela Unicamp, o professor Silvio Gallo. Muitos de seus textos em periódicos também circulavam pelas *gigs*, especialmente aqueles a respeito da educação anarquista e libertária.

Em um dos encontros punks anarquistas, também chamados de *gigs* dos quais estive presente na cidade de São Roque, lembro-me quando a **Syndrome of Terror**, uma já extinta banda de Barueri, tocou a cover de “*Fear of Napalm*” da *Terrorizer*, e a própria sonoridade da banda carregava o *grindcore* das



primeiras bandas. O que deixava-nos, alguns colegas de *grindcore* e a mim, extasiados. Nessas *gigs*, eu sempre pisava em ovos, pois, apesar de conhecer muitas pessoas do movimento, havia um pessoal muito mais radical e ativista do que eu, de grande notoriedade nos espaços. Eu tinha ainda meus 18, 20 anos, e meu respeito pelos espaços me impedia de ir com camisas de bandas *death metal* queridas, especialmente dos holandeses da **Sinister**, dos suecos da *Dismember*, dos estadunidenses **Suffocation**, *Morbid Angel*, *Monstrosity*, *Cannibal Corpse* e *Death*, entre outras. Sempre buscava ir a esses eventos com camisas de outros conjuntos que também adorava, e que pudessem não ser tão “mal-vistos”, como dos belgas *Agathocles*, dos italianos do *Cripple Bastards*, dos espanhóis da *Haemorrhage*, dos suíços do *Fear of God*, e dos brasileiros do *Rot*, entre outras bandas do meio.

Não que eu fosse expulso dos espaços devido às camisas. Muitos garotos e garotas mais novas, iniciando no movimento, iam às *gigs* com camisas de bandas mais populares, como *Ramones* e *Sex Pistols*, e não eram execrados. No entanto, além de evitar possíveis “desinteligências”, era através das camisas e do conhecimento sobre as bandas que seria mais fácil estabelecer mais amizades, conhecer mais conjuntos, conhecer mais pessoas e ter acesso aos materiais.

R

Já nos “rolês” e shows de metal em Sorocaba, Votorantim e outras cidades próximas, eu não tinha essa preocupação. Tinha grande amizade com o pessoal do *death*, do *thrash*, do *black* e do *heavy* tradicional, sabiam que eu transitava entre os dois espaços. Não havia problemas ir a shows de *black metal* com camisas do **Rot**, *Napalm Death* ou *Electro Hippies* (apesar do nome, uma banda *grindcore* britânica), ou de *heavy* tradicional com camisas de *Zoltar*, *Carcass* ou *Benediction*.

E Sorocaba, entre o fim dos anos 1990 e o início de 2000, contou com diversos festivais de *heavy metal*. Muitos foram organizados pelos editores da extinta revista Valhalla, sediada na cidade, muitos deles conseguiram grande público, pois trouxeram artistas internacionais e nacionais que dificilmente seriam vistos fora da cidade de São Paulo. É o caso do *show* do ex-vocalista do *Iron Maiden*, Paul Di’Anno, e da banda estadunidense *Savatage*, que na época estava no auge da carreira e havia lançado um álbum conceitual sobre a viagem de Fernão de Magalhães, intitulado “*The Wake of Magellan*”. E também de um *show* da banda *Angra*, também em auge, na época, que teve um enorme público. Além de uma série de festivais menores que reuniram bandas do interior de São Paulo e de outros lugares do Brasil.

Não produzido pela Valhalla, mas por outros organizadores independentes, também tocou **Ratos de Porão** na cidade, no mesmo espaço onde ocorria a maioria dos festivais citados acima; o *Garage*, na região central, a cerca de 400 metros do Bar Brasil, ponto de encontro. Lembro-me que eu mesmo não entrei no *show* do Ratos, pois, na época, nós que éramos mais radicais, considerávamos que a banda havia perdido sua verve *underground*, e que seus membros teriam se tornado *superstars*.

Isso porque João Gordo, vocalista e mais notório membro da banda, tinha programas no canal MTV Brasil, vendia produtos e fazia propaganda para as empresas que anunciavam no canal. Nossa rai-va ainda aumentava quando ele tocava e mostrava os discos das bandas *underground* que adorávamos –em especial, *Napalm Death*, *Terrorizer*, *Carcass*–tornando-os, acreditávamos, música *pop*. Quando ele foi contratado pela Emissora Record de televisão, para ser coadjuvante em programas de sábado à noite, então, aí que não passávamos perto de qualquer coisa que se relacionasse ao Ratos de Porão.



Q

No entanto, atualmente, minha companheira Ana Paula e eu bebemos e almoçamos na Central Panelaço, e sempre que podemos vamos aos *shows* dos Ratos de Porão e tiro fotos dela com o João Gordo. Não que tenhamos deixado nosso radicalismo, militância e posicionamento de lado. Na realidade, a banda Ratos de Porão e principalmente João Gordo nunca deixaram de lado a crítica social e política em suas letras, e aquilo que encarávamos como popularização indevida das bandas em meios de comunicação de massa, na verdade era um exercício de divulgação do trabalho realizado no *underground*.

Com exceção de uma ou outra banda com mais força e tempo de estrada, como *Krisiun*, Angra e Sepultura, os membros dos conjuntos precisam trabalhar e arrumar outros meios de sobrevivência, pois só a (anti)música e os *shows* não garantem a sobrevivência das pessoas. E o Brasil é celeiro de bandas de música extrema. Antes mesmo da repercussão que o a banda *Krisiun* teve no exterior, conjuntos de *thrash* e *death metal* pipocaram no Brasil nos anos 1980: *Dorsal Atlântica*, *Korzus*, *Overdose*, *Vulcano*, *Mistifyer*, *Sarcófago*, *Sex Thrash* e o próprio Sepultura, entre outras. Depois que os três irmãos da *Krisiun* ganharam o mundo com seu *brutal death metal*, outra seara de bandas surgiu Brasil afora: *Mental Horror*, *Ancestral Malediction* e **Queiron**—cujo baterista também tocou na *Zoltar*—entre outras. A divulgação, a gravação dos álbuns e muitas vezes os custos de viagens dos *shows* são tirados do próprio bolso, e qualquer possibilidade de divulgação é bem vinda. O próprio João Gordo afirma, em diversos vídeos de seu canal no Youtube, chamado Panelaço, que é necessário “dar os pulos”, pois não se vive de música extrema no Brasil.

Os vídeos do canal Panelaço são gravados na cozinha da casa de João Gordo, onde são feitas entrevistas durante a preparação de pratos veganos. No primeiro

ano de programa, quem cozinhava era o próprio João Gordo, mas nas temporadas seguintes, ele passou a convidar *chefs* veganos para fazer os pratos, enquanto realiza as entrevistas. Desde 2014, quando estreou o canal, desde músicos de bandas extremas brasileiras, como *Krisiun*, *Nervosa* e *Torture Squad*, passando por rappers como Mano Brown, Rappin Hood e mv Bill, até personalidades da tv brasileira como o comentarista de futebol Walter Casagrande, até políticos de grande expressão nacional, como Fernando Haddad e Manuela D’Ávila.

P

A presença desses políticos não é aleatória. João Gordo, nos mais diversos programas do **Panelaço**, sempre expôs a face antiautoritária da banda Ratos de Porão, e também do próprio canal, cuja perspectiva vegana carrega um forte discurso antifascista, com bandeiras vermelhas e pretas espalhadas na cozinha onde o programa é gravado.

Nos últimos cinco anos houve um recrudescimento do discurso antifascista por parte não somente de bandas anarquistas do *punk* e suas vertentes mais extremas, mas de conjuntos de *metal*. Os quais, apesar de uma presença crítica forte à religião e à condição de desespero humano, nunca precisaram se posicionar como antifascistas, como de 2015 para cá. Não somente páginas de redes sociais, como alguns sites e blogs, intitulados “*Headbanger Antifascista*” e “*Red and Anarchist Black Metal*” (*Black Metal Vermelho e Antifascista*), reúnem dezenas de bandas que assumiram uma condição de combate ao avanço da extrema direita no Brasil.

Um movimento nesse sentido é a coletânea de onze bandas brasileiras de *black metal*, chamada “*Raíces Ancestrais: resistência pagã pela descolonização espiritual*”, lançada em janeiro de 2020, a qual é anunciada na página da gravadora *Nyarlathotep*



Records, da seguinte forma:

Quando as nuvens da intolerância se avultam no horizonte, sentimos que é nossa obrigação nos posicionarmos contra o avanço do conservadorismo fascista e fundamentalista que se perpetua na aliança perversa entre governo e religião. Esse manifesto declara que não podemos esquecer as bases colonialistas e cristãs que institucionalizam as práticas de intolerância e autoritarismo que caracterizam hoje essa aliança. Lembrar é resistir! Desde a chegada dos colonizadores europeus na América observamos um processo sistemático de destruição e colonização de antigas cosmologias e filosofias

que rivalizavam com a ortodoxia cristã. Esse processo de destruição e estigmatização de culturas ancestrais veio acompanhado de escravidão e genocídio de povos indígenas e africanos, bem como da queima de milhares de mulheres acusadas de bruxaria pela Inquisição Moderna. Os rebanhos ortodoxos do “progresso”, sob o signo da cruz e da espada, ainda seguem devastando a diversidade natural e espiritual constitutivas da terra e do ser. Diante dessa colonização espiritual ensejada pelo racismo e sexismo dogmático e religioso postulamos uma grande rebelião, reunindo nesta coletânea a música de resistência pagã entoada pelo Black Metal latino-americano. Nosso manifesto é um

Imagem 2. Graffittis no sul do México (Oaxaca e Chiapas).



Fuente: Rodrigo Barchi, 2019.



chamado para a luta contra tal desertificação do humano. Um clamor pela descolonização espiritual que se faz na sustentação de diálogos e aprendizagens com os antigos ritos, saberes e histórias ancestrais. Devemos nos manter firmes na luta e manter as chamas da resistência pagã acesas, e vemos nossa música como uma forma de manifestar nosso posicionamento. Que seja insuflada a rebelião!

Algumas das bandas presentes nesse manifesto, como *Dark Paramount*, *Ocultan* e *Primordial Idol* – essa última, de Sorocaba – tem mais de 20 anos de existência, e assim como outros movimentos, precisaram se manifestar politicamente e coletivamente, expondo o risco que o avanço de uma direita saudosista da ditadura civil-militar brasileira (1964-1985), aliada a grupos “cristofascistas” pode representar. Não somente aos povos originários e comunidades tradicionais, mas ao próprio movimento das bandas *black*, *death* e *thrash metal*, no que diz respeito ao teor crítico, ácido e antifascista das letras e capas de seus cds e letras, assim como da própria estética *headbanger*, de camisas pretas, cabelos compridos, braceletes, cinturões, cordões com pentagramas e cruzes invertidas.

Dois anos antes uma outra coletânea, chamada “*Satan Smash Fascism*” (Satã esmaga o fascismo), com bandas de *death* e *thrash metal*, como *Violator*, *Vulture* e *Terror Revolucionário*, também foram organizadas e lançadas como forma de enfrentamento ao crescente número de manifestações de extrema direita no meio *underground*.

O

Há uma consternação generalizada em relação ao avanço do discurso fascista no Brasil, em especial no meio da música extrema. Não se imaginava que muita gente, que ouvia tanto as bandas mais satânicas

do Metal, quanto as mais anárquicas do *grindcore*, pudesse compartilhar as perspectivas de grupos homofóbicos, neoconservadores; seu caráter misógino e racista era tudo o que poderia ser combatido, além do cunho pseudo místico e charlatanesco de diversas seitas que fortalecem politicamente no país. Era inimaginável que pessoas que ouvissem *Napalm Death*, cujo vocalista é um ecologista empenhado nas causas animais, se associassem a políticos que veem os militantes ecológicos como inimigos da sociedade. Assim como pessoas que se divertiam caçoando de grupos de religiosos, apoiarem o discurso “Deus Acima de Todos!”.

Um grande rompimento ocorreu, em especial no metal. Nos festivais, Brasil afora, quando entona-se o grito contra a presidência da república, é notória a divisão de opiniões, mas com o silêncio sepulcral de quem acredita que o avanço fascista possa salvar o país daquilo que esteja ameaçando “a família, o cidadão de bem, as crianças e a religião”. Principalmente quando as bandas mais respeitadas do Brasil no exterior, como *Krisiun* e *Nervosa*, puxam a crítica e o escárnio. No *punk*, os poucos que assumiram o discurso nacionalista foram execrados, por se mostrarem contraditórios e “traidores do movimento”. Nesse sentido, cabe fazer justiça ao João Gordo e ao Ratos de Porão, que hoje não são vistos mais como desertores do *punk* anarquista, mas sim como respiradores de sobriedade e potência na resistência.

Nesse sentido, é preciso esclarecer que as questões ecológicas e sociais não são preocupações recentes no metal. Uma das bandas mais representativas da história do *death metal*, e que ainda está ativa, é a *Obituary*, da Flórida. Caracterizada por tocar um *death metal* mais tradicional e cadenciado – e não tão brutal quanto *Suffocation* ou *Krisiun* – tem entre suas principais temáticas a questão ambiental. Lembro que, em 1994, quando lançaram o disco *World Demise*, a torção de narizes foi geral, pois não havia mais nas capas as imagens purulentas, sanguinárias



ou mesmo apocalípticas dos álbuns anteriores, mas uma cidade industrial, coberta por uma enorme fumaça negra, onde está traçado o logo da banda. Na contra capa do álbum, onde está a sequência de músicas, há uma ave marinha coberta de petróleo, indicando a perspectiva crítica da banda em relação à questão ecológica. Faixas do álbum, como “*I don’t care*” e “*World Demise*” carregam um pesado ataque às ações humanas contra o meio ambiente, as outras formas de vida no planeta, e ao próprio futuro da humanidade. As imagens de crianças brincando com água contaminada e sob névoa de poluição no videoclipe “*I don’t care*” são muito representativas nesse sentido.

N

Se voltarmos um pouco mais no tempo, à segunda metade dos anos 1980, a própria **Nuclear Assault**, banda de *thrash metal* da *Bay Area* californiana, já carregava suas letras de uma crítica social, política e ecológica muito intensa. As imagens de bombas atômicas, usinas nucleares e do planeta em *destruição*, além dos *videoclips* criticando o *mass mídia* e a catástrofe ambiental, já indicavam a postura da banda perante essas questões. Muitas das pessoas que se voltaram a uma postura nacionalista e fascista no Brasil tinham camisetas, *patches*, jaquetas, adesivos, pôsteres e discos da *Nuclear Assault*. A crítica à esquerda –ou pseudo esquerda– do Partido dos Trabalhadores não justificava, de modo algum, essa guinada ao conservadorismo. A própria esquerda partidária brasileira, através de partidos como PSOL, PSTU e PCO, realizou críticas duras ao PT, assim como os movimentos anarquistas sempre o fizeram. O estranhamento é o apoio dado a movimentos que sempre viram o *underground* como criminoso, indevido e perigoso, e que se pudessem o trancafiariam ou mesmo o extinguiriam.

E nesse sentido, cabe a pergunta: como alguém que tinha em um conjunto como **Napalm Death** –cuja

crítica feroz ao sistema capitalista, ao autoritarismo, ao Estado, à utilização e confinamento de animais, à destruição ecológica, ao uso da energia nuclear, ao racismo, à homofobia, à misoginia e à devoção religiosa– uma admiração, respeito e adoração, pode se voltar ao fascismo? Não entende as letras? Não observa as capas? Não percebe que a sonoridade cacofônica, por si só, é crítica a qualquer projeto de homogeneização, normatização e imposição de uma via ideológica e religiosa?

E não são somente os discos dos anos 1980 que carregam o discurso indignado. O álbum de 2006, chamado “*Smear Campaign*”, é completamente dedicado à crítica à exploração da fé pelas instituições religiosas. Como não perceber que na faixa “*When all is said and done*”, há uma constante insistência da banda em enaltecer o caráter impeditivo, enlouquecedor e violento das imposições religiosas às massas? E mesmo assim fecha-se a mente e apoia-se setores que buscam destruir a laicidade da sociedade?

Barney Greenway, vocalista e “*frontman*” da *Napalm Death*, ecologista, vegetariano, defensor intransigente dos direitos das minorias, escritor das letras junto ao baixista Shane –que desde meados dos anos 1980, ainda na *Unseen Terror*, está tocando *grindcore*, tendo uma banda paralela no mesmo estilo, chamada *LockUp*– não se faz de rogado quando precisa fazer a necessária crítica aos processos de submissão aos desejos da religião, do consumo e do disciplinamento forçado dos indivíduos e das sociedades.

Slavishly steered by redemption
Stricken by Biblical wrath
When solutions lie in compassionate logic
Not hearsay but the will of man

(*Napalm Death*, 2006)



Não à toa, o conjunto que desde o começo de sua carreira, em 2012, sofre assédio, perseguição, calúnia e difamação é a banda paulistana **Nervosa**. Além do fato de ser formada somente por garotas, o discurso antifascista, feminista e de crítica ao conservadorismo de suas letras, faz com que o discurso contrário à elas, muitas vezes, se aproxime de uma misoginia fundamentalista que pouco tem relação com o discurso de rebeldia e contestação.

Lembro-me do discurso da banda **Necrocefalo**, em 19 de abril de 1997, no festival de Entre Rios de Minas, que ao “enaltecer” o Dia do Índio, gritava em alto e bom som:

Nos falaram que hoje é para se comemorar e proteger o índio no Brasil. Mas isso é uma farsa, é uma mentira que inventaram para sacanear o povo índio, com “comemoraçãozinha” em escola, enquanto matam os caras na floresta!!!!

M

Fui assistir uma “banda grande”, de adoração de adolescência, somente aos 25 anos. Dava preferência aos shows menores, de bandas alternativas, em locais menores, como forma de manter a cena local forte, e não queria dar dinheiro a grandes produtores de megafestivais ou *shows* pirotécnicos. Mas algumas bandas queridas sempre davam as caras no Brasil, e tendo um dinheiro a mais –já estava dando aulas e ganhando um pouco melhor– comecei a ver os clássicos estrangeiros.

Em nove de março de 2002, ocorreu um festival na cidade de São Paulo, chamado “*Extreme Metal Fest*”, que contaria com a participação de mais de dez bandas brasileiras (*Zoltar*, *Torture Squad*, *Funeratus*, *Drowned*, *Nauseus Surgery*, *Horned God*, *Nervochoas*, *Evilwar*, entre outras) e o *show* da **Monstrosity**, da Flórida. Seu primeiro álbum “*Imperial Doom*” foi um

dos que mais circulou entre os *headbangers* do *death metal* no Brasil, tendo, inclusive, uma forte crítica ecológica em algumas de suas faixas.

O evento ocorreu no Fofinho Rock Bar, no Tatuapé, em São Paulo. O espaço contava com dois andares, sendo que no primeiro estava o bar, e no segundo era o espaço para os *shows*. Mais de dez bandas, em um evento que durou das duas da tarde até a meia-noite, em cujo local não havia mais do que alguns pequenos ventiladores. Teve baterista que passou mal, e a própria *Monstrosity* não tocou mais do que sete sons. Eu fiquei encharcado de suor e me sequei na rua duas vezes, tal era o estado do lugar, do qual pingava algo do teto, que começamos a especular que era suor do público, que evaporava e caía.

Menos calor fez no *show* da **Morbid Angel**, na quadra do antigo Parque Antártica, na cidade de São Paulo, em março de 2005. No entanto, havia tanta expectativa para o retorno dos clássicos do *death metal*, que o público não se conteve somente em cantar o hino do Corinthians para os seguranças do Palmeiras, mas também utilizaram as grades de proteção do palco como rampa para subir no mesmo e dar os pulos “*moshes*”.

L

A tensão em relação às questões políticas no meio do metal brasileiro, nos últimos anos, fez até com que, nas redes sociais, uma grande onda de indignação se voltasse contra os holandeses da **Legion of the Damned**. Banda aclamada da geração do século XXI, cujo ritmo oscila entre o *thrash metal* mais pesado, e o *death metal* tradicional, participou do festival Setembro Negro, que ocorreu no Carioca Club, em São Paulo, em setembro de 2019. Ao esperar o voo de volta, no aeroporto de Guarulhos, a banda tirou uma foto onde três membros do grupo imitaram uma imagem clássica dos três macacos, onde cada



um tampa as orelhas, os olhos e a boca, estando todos segurando uma banana, com a legenda “Bye, bye, Brasil!”. A foto foi publicada na página da banda no Facebook, e gerou um mar de críticas, que relacionavam a imagem a um preconceito racial. A banda se desculpou quase que imediatamente na página e apagou a foto. Um dos argumentos foi o cansaço do show e da viagem, não imaginando que uma “foto boba” pudesse ser tão ofensiva, além da afirmação de que a namorada do baterista era brasileira. Desculpas aceitas ou não, pelo público, o fato é que a banda perdeu uma série de admiradores no país.

K

Havia, nos anos 1990, uma grande danceteria na cidade de Sorocaba, chamada *Factory Music*. Era a casa de quem gostava de *dance music*, e era muitíssimo frequentada por um público da classe média, alta e baixa. Ficava a dois quarteirões do Bar Brasil, frequentado pelo público do metal, mas que não provocava maiores atritos entre as turmas. Mas nossa repugnância pelo local era imensa, e não passávamos sequer na frente do espaço.

E eis a surpresa. A organização marcou o show da banda alemã **Kreator**, em junho de 1998, justamente para a *Factory*. Além da falta de dinheiro para arcar com um show estrangeiro, boa parte do público de Sorocaba resolveu não ir devido ao espaço. Eu já não ouvia muito o **Kreator** naqueles anos –fui ouvir mais anos depois– e jamais que pisaria na *Factory* para participar de uma “traição tão horrível!”.

Mas além da importância histórica da **Kreator** para o *thrash metal* internacional, seu vocalista e único membro da formação original da banda, Millie Petrozza, se assumiu vegano há muitos anos, faz questão de falar sobre a ecologia e o veganismo em suas entrevistas, e em diversos álbuns da **Kreator**, a questão ambiental, especialmente em um teor mais

catastrófico e político é constantemente abordada. É o caso de uma faixa do disco “*Coma of Souls*”, lançado em 1990, chamada “*When the Sun Burns Red*”:

*Now rain shall wash away sad remains of man
Cities once so proud will crumble into sand
Buildings all collapse when all is done and said
The guilty ones will die with the innocent...*

When the sun burns red

Fui ver **Kreator** anos depois, em um festival que ocorreu no “Espaço das Américas”, em 2005, no bairro da Barra Funda, em um festival que reuniria, além dos alemães, os noruegueses e norueguesas da *Tristânica*, e as bandas brasileiras *Torture Squad* e *Krisiun*. Esse último, como já citado anteriormente, é o maior expoente do *death metal* brasileiro, e que também assumiu uma postura combativa ao governo brasileiro, e em seus shows embala os coros contra o presidente.

Os três irmãos membros da banda sofreram na pele o preconceito contra bandas de metal, ao terem os passaportes retidos e quase serem presos em Daca, Bangladesh, em 2017, sob a acusação de que seriam satanistas. A ação do consulado brasileiro fez com que a situação fosse resolvida rapidamente. Mas a banda teve que cancelar shows pré-marcados na Mongólia e na China.

J

Defendi meu doutorado em um dia 17, na mesma data em que completei 39 anos. Falando de ecologias extremas, educações inversas e educações ambientais infernais. Sempre tive um orgulho cabalístico e místico com o número 17, pois nasci às 17 horas. Mas com as eleições presidenciais de 2018, na qual o candidato fascista vencedor utilizou o número 17, do Partido Social Liberal, para sua campanha, meu apreço pelo número caiu muito. Mesmo com a



mudança partidária do títere brasileiro – e a criação da Aliança para o Brasil, que utiliza o número 38, em alusão ao calibre de revólveres– vou dar pouca voz à 17ª letra desse “zyxdário”, no caso o J, e lamentar que uma banda tão boa quanto os suecos da **Jigsaw Terror**, que propõe um *grindcore* muito próximo aos bons discos dos anos 1980, tenha lançado somente um álbum, “*World End Carnage*”, carregado de escatologia, crítica e violência.

I

Ao final de 2018, após o pleito nefasto que definiu o destino brasileiro, ampliei meu gosto pelas bandas de *black metal* –ao menos aquelas que não enveredaram para o fascismo, ou não publicamente– e por semanas não me saía da cabeça um clássico da banda norueguesa **Immortal**, chamado “*All Shall Fall*”. Apesar do apelo à mitologia nórdica, misturado a um ocultismo satanista de grande apelo nos meios do metal, e um constante discurso de domínio das trevas e do caos, não sabia se a canção era mais uma profecia do que estava por vir, ou se um chamado para tentar reverter a situação, típica dos discursos anárquicos do destruir para recriar. Mas o refrão me martelou muito tempo, antes de a poeira baixar e a paisagem, em destruição, tornar-se mais clara... Tudo deve cair? Todos devem cair?...

Naquele festival de Entre Rios de Minas, em 1997 era uma situação inimaginável, e menos imaginável ainda seria saber qual o sentimento perante esse caos... Na quarta banda da noite, tocando lá pelas duas da manhã, eu estava deitado sobre uma mesa, destruído pelas 24 horas sem dormir, sem banho, sem comer direito, com uma sobreposição alcoólica recorde. Ainda sem dormir, pois acompanhava o show da **Sarcastic**, de Farroupilha, anunciaram a cover de “*Intense Mortification*”, da divertida e escatológica banda estadunidense **Impetigo**, pulei da mesa e fui para o meio da roda, com as últimas energias...

A antropofagia sugerida pela capa do álbum de 1990, chamado “*Ultimo Mondo Cannibale*” –um festival de *horror gore*, parecendo as músicas tiradas dos piores filmes de terror B– não tinha muita coisa em comum com o movimento antropofágico de Oswald de Andrade; no entanto, ao lembrar da madrugada sob a neblina e a lua, ao redor das fogueiras, com a aguardente mineira, e os cabeludos berrando como se fossem lobisomens a madrugada inteira, as devidas relações (contra)culturais podem ser mais próximas.

H

Um dos poucos conjuntos contemporâneos de música extrema que está há mais de 20 anos na ativa, e ainda não vi, é o espanhol **Haemorrhage**. Inspirado nas bandas *splatter* –como **Carcass**– e no *horror gore* da Impetigo, em seus shows, em especial o vocalista Luisma, se vestem com um avental “ensanguentado”, quando não inteiramente cobertos de tinta que se assemelha à sangue. Algo até comum entre as bandas *gore*, já que a **Sarcastic**, nos dois shows que realizaram em Sorocaba, em 1998, espalharam pedaços de manequins decapitados e ensanguentados pelo palco do Garage Club, nos festivais organizados pela Zoltar.

Outra banda que evoca contos e quadrinhos de terror –e que confesso que ainda não assisti– é a paulista **Hutt**, cujo álbum de 2005, chamado “*Sessão Descarrego*”, é um dos maiores clássicos do *grindcore* brasileiro. Além do lado *gore*, a banda tem um forte caráter crítico. Atualmente, é uma das centenas de bandas brasileiras consideradas antifascistas e, apesar do título do álbum, não chega a flertar com as questões religiosas da cultura africana no Brasil.



G

No entanto, uma outra banda brasileira, do Rio de Janeiro, nos anos 1990, causou furor quando apresentou aquilo que depois foi chamado de “Saravá Metal”, por misturar elementos do *thrash metal* e do *crossover* –uma espécie de *hardcore* mais cadenciado e próximo ao funk– à umbanda e ao candomblé. Os membros da **Gangrena Gasosa**, no palco e nas fotos de divulgação, se vestem, cada um, como uma entidade religiosa distinta, com o uso da cartola de Exu Tranca Rua, Capa de Exu Caveira e charuto de Zé Pilintra, entre outros.

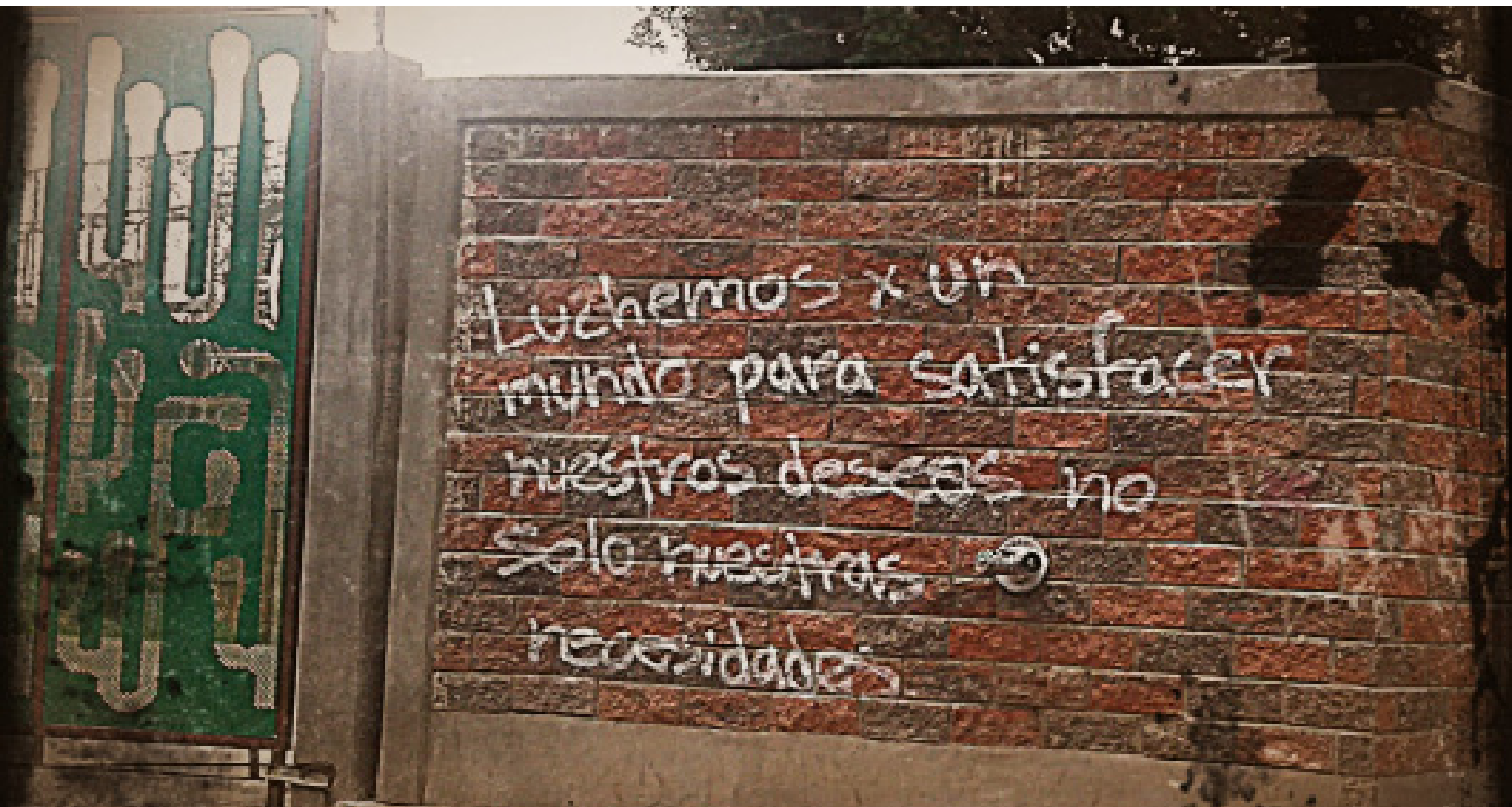
No começo da carreira a banda foi ameaçada por grupos mais radicais da religião afro fluminense, mas com o passar dos anos, houve uma amenização

dessa situação. A banda sempre enaltecia que, longe de desacatar ou desrespeitar as entidades religiosas, queria mesmo era trazer à tona os elementos que pudessem, de uma forma ou outra, realizar a crítica à sociedade brasileira e o uso do cristianismo na pilhagem dos mais pobres. Os títulos dos álbuns, como “*Welcome to Terreiro*”, “*Smells Like a Tenda Spírita*” –numa sátira ao “*Smells Like Teen Spirit*”, da estadunidense Nirvana– e “*Se Deus é 10, Satanás é 666*”, mostram o quanto a banda, apesar do respeito, carrega de bom humor o seu discurso.

F

De **Facada**, banda *grindcore* cearense que também faz parte do circuito antifascista do Brasil, e é uma

Imagen 3. Graffittis no sul do México (Oaxaca e Chiapas).



Fuente: Rodrigo Barchi, 2019.



das mais respeitadas do gênero, ao lado de D.E.R. e *Test* –que montava a própria aparelhagem na rua e tocava suas (anti)músicas na frente dos festivais de *death metal*, em São Paulo, até conseguir seu espaço próprio, chegando a abrir *shows*, no Brasil, para *King Diamond* e *Carcass*– e cuja sonoridade se assemelha bastante aos clássicos do gênero.

Facada que também, a partir de 2017, passou a ser o nome de festivais –**Facada Fest**– que se espalharam pelo país, cuja intenção é reunir bandas de música extrema de caráter antifascista. Marabá, Campinas, Curitiba e Uberlândia foram algumas das cidades que anunciaram e realizaram o festival, todos com cartazes chamativos, cujas artes, de alguma forma, faziam críticas muito explícitas à governança brasileira e seu caráter totalitário.

No entanto, e confirmando o aspecto autoritário, os organizadores do evento que ocorreu na cidade de Marabá, em 2019, foram intimados pelo Ministro da Justiça e pelo Procurador Geral da República a depor, devido à acusação de crime contra a honra do presidente, usando como argumento o desenho no cartaz, de um palhaço Bozo empalado por um lápis...

Nas redes sociais e nas conversas cotidianas, o discurso entre os integrantes do movimento *underground* é de indignação e raiva, principalmente porque durante muito tempo argumentou-se que a perseguição contra a música extrema, devido ao seu caráter sombrio, crítico e politicamente posicionado, aconteceria em algum momento, e a tolerância em relação aos apoiadores do governo dentro do movimento se esvai cada vez mais.

E

A ideia de **Ecologias Extremas** que guia esse texto é expor o quanto de preocupação com a questão ambiental existe entre conjuntos de música extrema

–*death, thrash, black metal; grindcore, mincore, crustcore*– em relação ao clima, aos animais, à poluição, ao aquecimento global, ao genocídio dos povos pobres, periféricos e não ocidentalizados, originários. Mas também, saber que ecologias são tecidas nesses movimentos. Como bandas que, desde os anos 1980, como **Extreme Noise Terror**, *Napalm Death*, *Terrorizer*, *Nuclear Assault* e *Kreator*, entre outras, com seus discursos atentos aos alertas ecologistas, acabaram, de uma forma ou outra, por influenciar as gerações atuais de *punks* cabeludos.

Ecologias extremas que, ao estarem à margem, nas bordas e nas beiradas da cultura e da arte, com uma sonoridade intensa e não dialógica a todos os públicos, ainda persistem; com sua insistência, resistem não somente ao assédio da normatividade, mas do tempo, da falta do susto e espanto originais, e da cada vez maior financeirização dos espaços e dos sons. E no Brasil, de agora, 2020, com a tarefa não somente de fazer frente ao totalitarismo institucional contra qualquer tipo de crítica, mas de fortalecer as redes para a manutenção dos espaços, da (anti)música, e da própria forma de ser das pessoas envolvidas.

O que é mais necessário enfatizar é justamente o caráter educativo e formativo dessas ecologias. São forjadas na indignação, nas recusas das identidades maiores, no combate aos micro e macro autoritarismos, além, em muitos casos, na solidariedade e na amizade com os outros seres, humanos e não humanos. Em sua luta estão o pró-veganismo, o discurso antinuclear e belicista, o alerta contra a poluição e o aquecimento, a denúncia da miséria, da desigualdade, do fundamentalismo nacionalista e religioso.

D

Talvez nunca mais haja o impacto absurdo, por parte do metal, especialmente pelos nomes de bandas que evocam diretamente a morte ou o assassinato



de Deus, como as próprias **Death** e **Deicide**. A primeira, considerada fundadora do estilo *death metal*, cujo vocalista e guitarrista Chuck Schuldiner, adorador de animais, especialmente gatos, era compositor respeitadíssimo, guitarrista exímio, crítico feroz das religiões e dos sistema consumista barbárico, e ícone do movimento. Sua morte por tumor cerebral, em 2001, aos 33 anos, foi absurdamente traumática, pois era o mentor e único integrante original de uma banda que esperava-se que fosse eterna.

Em 2014, diversos ex-integrantes se reuniram para uma série de *shows* ao redor do mundo, para homenagear Chuck Schuldiner, em um projeto chamado “*DTA:Death for All*”. Em São Paulo, foi na Via Marquês, Barra Funda, no mês de setembro. Confesso que, quando estavam tocando a penúltima música, “*Cristal Mountain*” –um hino de Schuldiner contra o uso das religiões para dominação e exploração– me bateu um arrepio na espinha e uma sensação muito esquisita. Banda de adolescência, que fica melhor a cada audição...

A **Deicide** é um caso inverso. Icônico e cômico. Banda também muito querida –mas não por todos(as)– no movimento, tem como “*frontman*” o lendário vocalista e baixista Glenn Benton. Quando começou a banda, no começo dos anos 1990, Glenn, com seus vinte e poucos anos –e já com a marca de queimadura de um crucifixo invertido na testa– prometera se matar, no palco, ao completar a idade de Cristo. 33 anos. Hoje, com 52 anos, ele ainda lidera o **Deicide** em turnês mundo afora. A banda, apesar de não se considerar *black metal* –e por anos Glenn Benton odiou e foi odiado pelo *black metal*– a banda ainda é expoente de um metal anticristão e satanista.

C

No mesmo ano em que o conjunto Ratos de Porão lançou “Brasil”, aberto com “Amazônia Nunca Mais”,

em 1989 a banda punk paulistana **Cólera** lançou o álbum “Verde, Não Devaste!”. O tom libertário, pacifista e ecologista sempre acompanhou a banda, tendo lançado, durante os anos 1980, álbuns cujos títulos são “Tente mudar o amanhã” e “Pela paz em todo o mundo”. Amplamente respeitada e querida, em especial, pelo movimento *Punk*.

Quando um dos mentores e vocalista da banda, Redson Pozzi faleceu, em 2011, aos 49 anos, devido a uma úlcera no estômago, foi uma grande comoção no meio. Alguns de meus amigos postaram nas redes sociais diversas fotos junto a ele, tiradas no decorrer de suas trajetórias, e me disseram que estavam muito abalados pela passagem.

Em fevereiro de 2020, a cidade de Cordeirópolis homenageou Redson, dando seu nome a uma área de proteção ambiental permanente, além da ação do grupo Pedal Verde, apoiado por diversas instituições da cidade, que distribuiria panfletos contando a história do vocalista como um dedicado ambientalista.

B

É irrefutável o legado do **Black Sabbath** ao universo da música extrema. E não só muitas bandas fazem questão de enaltecer sua importância, como os seis primeiros discos, lançados no decorrer dos anos 1970, estão na cabeceira “da vitrola” da maioria dos “*bangers*”. Além dos discos com Ozzy Osborne, também são respeitados os dois petardos com Ronnie James Dio, a quem é atribuído o símbolo de “chifreiros” com as mãos, e que fez carreira solo após sua saída da banda.

Apesar do constante apelo à necessidade de resgatar e conhecer as origens arbóreas do metal, e conhecer todas as ramificações surgidas a partir dos anos 1970 nesse universo, a procura e o gosto pelas bandas e estilos é muitas vezes tão rizomática



quanto arbórea. Isso porque a quantidade de estilos e conjuntos presentes em cada um deles, faziam, até os anos 1990, com que houvesse a impossibilidade de possuir tantos álbuns em vinil, fitas K7 e, um pouco depois, CDs, de tudo aquilo que era “necessário conhecer”. A aproximação a um estilo, além do próprio afeto que cada um causa em cada indivíduo, se deu, por muito tempo, também devido à limitação financeira de se possuir uma discoteca tão ampla. Muitos materiais que eu tinha – e tenho até hoje – foram conseguidos em trocas de cartas e materiais de divulgação, muito mais do que por compra. Amigos e amigas que tinham bandas mais estáveis, conseguiam ainda mais materiais, especialmente pela rede mais ampla de contatos.

Fato que não tira a importância dos “pais do metal”. Aliás, provavelmente haja algo na água da cidade natal da **Black Sabbath**, a britânica **Birmingham**, pois, além do quarteto setentista, é cidade natal dos “pais do *grindcore*” *Napalm Death*, surgida em meados dos 1980, é de onde vem a **Benediction**, primeira banda do vocalista atual da *Napalm Death*, **Barney Greenway**, e também uma das mais importantes na história do *death metal*, no começo dos anos 1990, apesar de nunca ter sido considerada como das gigantes do estilo –*Morbid Angel*, *Deicide*, *Cannibal Corpse*, *Death*, *Suffocation*– devido à mudanças de formação e inconstâncias de turnês e lançamentos de álbuns.

Próximo à Birmingham há a cidade de Coventry, terra natal de outra banda de *death metal* do “segundo escalão”, chamada **Bolt Thrower**. Também uma das pioneiras do estilo, formada em 1986, caracterizava-se por uma sonoridade cadenciada, lenta e pesada. Foi a primeira banda de *death metal* a ter uma mulher em sua formação, a baixista Jo Anne Bench, que esteve na banda desde 1987. As letras e capas da Bolt Thrower sempre trouxeram à tona os horrores das guerras, e os títulos dos álbuns explicitam essa perspectiva: “*The IV Crusade*”,

“*War Master*”, “*Realm of Chaos*” e “*In Battle There Is No Law*”, sendo uma das únicas no estilo a não dar tanta ênfase ao terror, ao gore e ao ocultismo satanista, mas às consequências trágicas dos conflitos armados.

A

Para a filosofia política, Agátocles é um nome bastante conhecido devido ao constante uso que Maquiavel, em “O Príncipe”, faz de sua imagem como um governante que não possuía nem *virtú* nem virtude, devido a sua ampla violência e despotismo, impedindo-o de conquistar a glória necessária para manter, de forma longeva, sua governança.

Mas **Agathocles** é também o nome de uma banda belga de *grindcore*, cujo nome foi inspirado no personagem conceitual maquiaveliano, utilizando o nome do tirano para expor a violência dos governantes e do capital. E esse conjunto é muito emblemático no universo *grindcore* pois, além das fortes críticas às sociedades contemporâneas, às guerras, à desigualdade social, à destruição ambiental, aos maus tratos com os animais, carrega forte perspectiva anarquista e a proposta “*Do It Yourself*”, a qual fariam com que somente a **Agathocles** quase que desse conta desse abecedário/zyxdário.

Isso porque, somando-se LPS, CDs e EPS gravados em parcerias com outros conjuntos mundo afora, a **Agathocles** soma mais de uma centena de lançamentos. E, tirando uma ou outra letra, todas seriam contempladas somente nos nomes das bandas em sua parceria com esse lendário grupo belga: Averno (Colômbia), Blood (Alemanha), Cripple Bastards (Itália), Deadmocracy (Brasil), Extreme Smoke, (Eslovênia), Front Beast (Alemanha), Gonkulator (EUA), e por aí vai. Todos lançados por gravadoras independentes e alternativas. O posicionamento anticomercial da banda e de seu “*frontman*” Jan



Frederixx é tão forte, que até uma tatuagem anti-música –o símbolo da nota musical com um sinal de proibido– ele realizou entre o tórax e o peito.

O LP mais difundido no Brasil foi lançado em 1993 –e foi o primeiro disco LP que consegui comprar, junto ao “Matando Gueros” da Brujeria– se chama “*Theatric Symbolisation of Life*”, e é um álbum duplo, que foi distribuído por aqui pela Hellion Records. Sua capa traz um detalhe do quadro “Escola de Atenas”, do pintor italiano Rafael, cujo destaque é justamente o centro do quadro, onde estão Platão e Aristóteles. Na (anti)música título, a crítica à espetacularização e falsificação da vida. E para nós, fica a questão: quanto precisamos, hoje, de uma postura **Agathocles** banda para fazer frente e combater a ação Agátocles despótica? ...



Referências bibliográficas

- BARCHI, R. (2016). *Poder e resistência nos diálogos das ecologias licantrópicas, infernais e ruidosas com as educações menores e inversas (e vice-versa)*. 2016. Tese (Doutorado em Educação). – Unicamp, Campinas.
- CATUNDA, M. (2013). *A, B, C de Encontros Sonoros: entre cotidianos da Educação Ambiental*. Sorocaba: Universidade de Sorocaba. (Tese de Doutorado em Educação).
- DELEUZE, G. (1988-1989). *El abecedario de Gilles Deleuze*. Director de Pierre-André Boutang, producido por las ediciones Montparnasse, París. En Brasil, fue publicado por TV Escola, Ministerio de Educación. Traducción y subtítulos: Raccord [con modificaciones]. La serie de entrevistas, realizada por Claire Parnet, fue filmada en los años 1988-1989.
- FREIRE, P. (2001). *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Edusp.
- GALLO, S. (2000). *Anarquismo: uma introdução filosófica e política*. Rio de Janeiro: Achiamé.
- MUDRIÁN, A. (2004). *Choosing Death: The Improbable History of Death Metal and Grindcore*. New York: Bazillion Points LLC
- NEGRI, A. (2002). *De Volta: Abecedário biopolítico*. São Paulo: Record.
- REIGOTA, M. (2000). ABC Frankfurtiano. Em: *Revista de Estudos Universitários*. Sorocaba, Universidade de Sorocaba, v. 25, n. 1.
- REIGOTA, M. (2012). ABC frankfurtiano. In: Ana Maria Hoepers Preve; Leandro Belinaso Guimrães; Valdo Barcelos; Julia Schadeck Locatelli. (Org.). *Ecologias inventivas: conversas sobre educação*. Santa Cruz do Sul: Edunisc.

